

**Caderno da Semana dos Povos Indígenas do COMIN  
POVOS INDÍGENAS EM ESPAÇOS URBANOS**

**ENTREVISTA COM DOROTHY MAYRON TAUKANE**

Entrevista: Equipe do GTME

Transcrição: Cledes Markus

**MAYRON:** Trabalhar na Aldeia mesmo... Na época, quatro anos primários, era o último estudo lá, pra nós na Aldeia! Mas, a escola se chamava Escola Rural Mista do Posto Indígena. Era assim, Posto Indígena. Então, eu terminei cedo meu estudo assim, de primário e aí eu sempre auxiliava as professoras. E não saía disso aí. Não saí, e aí eu vi que tinha necessidade de assim, eu estava, vendo, eu estava percebendo que, que as professoras tinham salário, ganhava salário, e aí eu vi, eu nunca que eu ia ser contratada assim, igual como elas ganham e ficar dentro da Aldeia mesmo. Aí a minha mãe falou assim pra gente: Aqui os nossos estudos são assim mesmo, só até aqui. Aí como a gente via e se vê era muito difícil, pra gente sair naquela época, porque era o SPI ainda e pra vir pra cidade não tinha nem registro nada. A gente tinha nota lá, mas aquilo lá não valia nada, nosso estudo; Então... Isso daí servia só lá para a Aldeia este nosso estudo. Aí eu via a necessidade: muita gente está sendo contratada e eu nada. Era época de militar e eles também não queriam que a gente..., daí meu pai, meu avô e minha mãe, eles falavam assim que: aquela estrutura do posto foi aquela escola que tem lá, foi dada escola pra gente, de indígena. Foi, teriam que ser assim, o índio que ia trabalhar o índio que ia ser enfermeiro, todas estas coisas lá. Aí eu falei assim: Puxa vida eu vou trabalhando aqui mesmo e se eu não conseguir eu vou sair para fora, eu venho trabalhar aqui mesmo. Então isso daí que me trouxe mais lutar, só que eu não conseguia porque a gente não tinha documento. Era tudo assim, era tudo controlado lá no posto e não tinha como valer aqui. Aí entrou a FUNAI e a gente tinha uma missão lá na, missão não, lingüista; lingüista que estudava. Aqui tem uns lingüistas aqui, nesta época que nós viemos nesta cidade que meu pai estava fazendo a Bíblia em nosso dialeto. Eu vim e aí aproveitamos aí que eu tirei meu identidade, certidão civil aqui, primeira vez assim com autorização da FUNAI. Eu tava quase vinte anos já. Ah! Foi uma luta, mas o meu sonho era ser professora e trabalhar na FUNAI lá na Aldeia. Daí eu saí de lá, assim e não consegui. Isso daí eu não consegui, isso daí eu não consegui. O que é que eu fiz? Todo mundo consegue porque, eles só me barravam, me barrava. Aí eu fui para Brasília falar com o Presidente da FUNAI: todo mundo trabalhava na escola, era professora, era, era, era atendente de enfermagem, porque eu não conseguia? Então foi assim que começou a minha caminhada. Ai eu conversei com uma senhora do Rio de Janeiro, na casa do Índio lá, eu falei para ela e o Presidente da FUNAI falou assim pra ela: Ela está procurando trabalhar aqui, ela veio aqui falar. Ela entrava lá e ela falou assim: o que você sabe falar, fazer? Lá não tem emprego para você, não. Eu falei: qualquer coisa, qualquer coisa que dava pra mim estudar. Foi assim a minha vinda pra cidade que eu comecei a trabalhar na cidade assim. Lá eu queria estudar, mas ela não deu a oportunidade pra mim continuar estudando. Fui contratada primeiro, de serviço gerais só pra limpar, eu vi que com ela eu não ia ter oportunidade e aí eu pedi demissão, e daí eu saí.

**GTME:** Em que cidade?

**MAYRON:** Lá no Rio mesmo, lá no Rio, lá no Rio. Aí eu saí e falei, eu já tinha conhecido muita gente. Aí eu vim para São Paulo com, tinha uma senhora Dalva. Falei pra ela e tinha um pessoal do Xingu aí eu conheci Seu Orlando, e esse povo, por isso eu larguei. Ele disse:

you não poderia fazer isso, largar, se você não estava estudando. A FUNAI... Indígena. Aí comecei lá. Lá é que eu comecei a concluir porque eu não tinha nada que comprovasse o meu estudo que eu fiz no primário na Aldeia, porque não tinha registro de nada. Aí tinha que fazer tudo de novo, mas fui estudando tudo de novo e por isso demorou muito. Aí eu conheci estes cursos supletivos, aí eu fui fazendo, tudo que recurso. Aí eu comecei, me contrataram de novo assim, eu lutei e em 81 eu entrei de novo na FUNAI Aí eu já tinha feito curso de atendente, uma coisa de auxiliar de enfermagem, tudinho lá. Aí, até hoje estou aqui, estou trabalhando na saúde. Eu vim embora pra cá, Cuiabá, trabalho na Aldeia.

**GTME:** Lá na Aldeia já tinha um trabalho na saúde, ou veio depois?

**MAYRON:** Já tinha, por isso eu falava lá, porque eles preparam, porque lá é assim, eles prepara a gente aqui, quem o cacique indicar, quem o cacique indicar, algum parente assim, sempre é assim. Acho que em todo lugar é assim. E então minha família não era cacique, meus avós é que era, de geração em geração, mas os meus pais não queriam mais os cacicados, não queriam, nem meu avô, o avô dele que era. Então, a gente, eu falei assim: eu vou lutar e aí tudo é possível aí a gente, eu fiz uma luta assim. Porque a minha vida na cidade, eu trabalhei aqui, trabalhei na casa do índio, voltei

**GTME:** Você trabalhou na Aldeia depois ainda?

**MAYRON:** Trabalhei na Aldeia, voltei aqui, para as meninas estudar, pra minha filha estudar, pra minha irmã caçula, meu sobrinho, todo mundo morava comigo, eu acho que quem tem vontade de estudar a gente tem que dar suporte.

**GTME:** Tuas filhas nasceram na Aldeia ou na cidade?

**MAYRON:** Na cidade. Minha filha nasceu no Rio.

**GTME:** No Rio?

**MAYRON:** No Rio, mas ela foi criada na Aldeia porque não podia morar na Casa do Índio, assim, levar no serviço. Então, eu falei pra minha mãe cuidar. Mas eu tenho só uma filha. Aí ela fala desde criança sabe falar a língua. Então é assim.

**GTME:** Sua mãe que cuidou de sua filha?

**MAYRON:** Minha mãe que cuidou da minha filha. Assim que é minha vida na cidade.

**GTME:** Ela aprendeu todos os costumes?

**MAYRON:** Aprendeu!

**GTME:** E como ela se adaptou na cidade depois.

**MAYRON:** Quando veio, porque ela ia na escola era uma diferença muito grande da Aldeia na cidade.

**GTME:** Era onde? Cuiabá?

**MAYRON:** Aqui em Cuiabá, aqui em Cuiabá mesmo

**GTME:** Aqui ela começou a estudar?

**MAYRON:** Ela estudou lá na Aldeia e aqui também. Terminou aqui. Aí que nós começamos a lutar lá. Quando fui para lá, colocamos este primeiro grau, como se fala primeiro grau, depois disso daí foi nossa luta e caminhamos mais pra... E fomos muito criticados porque tinha este primeiro grau e aí conversamos com a prefeita. A prefeita também não queria aceitar, mas que estava muita gente saindo pra fora e tinha aqueles pais que não conseguem ajudar seus filhos e aí todo mundo queria que a gente tivesse escola de primeiro grau. Lutamos e fizemos um abaixo assinado com o prefeito e tudo. Primeira coisa que o pessoal dizia assim: Ah, vocês vão querer prédios, estrutura... E tudo isso não é importante, que lá já faz parte, já tem escola e nós temos lá. E essa luta começou que era extensão da escola do município que dava certificado para ela, porque já era ensino fundamental. Nós temos 2º grau agora na Aldeia, depois disso daí um ficou puxando o outro, assim!

**GTME:** Mas como é que foi com a tua filha aqui na cidade? E as colegas dela era cuiabanos, brancos? Negros? Índios?

**MAYRON:** Diz que vinha gente de tudo tipo lá. Acho que cuiabano eram poucos. Vieram gente de muito fora naquele bairro. Não sabe quem é cuiabano mesmo.

**GTME:** Como era a relação deles com os colegas?

**MAYRON:** Nas aulas tinha colegas, sempre tinha as coleguinhas dela em casa, sabe!

**GTME:** E na escola?

**MAYRON:** Na escola ela falou que eles não tiveram muita dificuldade. Elas tinham dificuldade porque não falava muito português, não entendia estas coisas assim. ... Eu já tinha dificuldade da língua. É muito difícil a gente entender, você fala outra língua, ela se torna uma língua estranha. Então isto é que é a nossa dificuldade aqui. De entender os outros e ela tinha dificuldade sim.

**GTME:** E esta relação com a cidade em si, porque a cidade é um movimento, poluição, é um monte de coisa, como é que fica isto? Para alguém que viveu na aldeia como você?

**MAYRON:** Vem pro rio e São Paulo. E porque eu vi muita coisa assim e dizia: puxa vida de onde vem tanta coisa, carro, eu não entendia de onde vinha assim, como não tem mata aqui, só faz prédios, só faz prédios, de onde que vem estas coisas? Da onde que vem dinheiro e estas coisas? Porque a gente já fica ligado com dinheiro. Da onde que vem, porque eu disse: da onde que vem esse dinheiro da cidade. Eu fiquei assim, então eu disse como que é isso será? Aí fui entendendo que tem fábrica, tanta coisa aí e eu disse: puxa vida a vida aqui é outra. Então é complicado, complicado se a gente não tiver suporte, se não tiver seu emprego. Eu não sei como que iria ser talvez eu iria desistir e voltar logo. Eu desistiria assim, porque não dá para qualquer um.

**GTME:** Alguém lhe ajudou na cidade, neste suporte?

**MAYRON:** Eu tinha minha parente que morava lá em Brasília, por isso eu fui conversar com o Presidente da FUNAI!

**GTME:** Ah, então era a família mesmo?

**MAYRON:** A família mesmo, eu fui e fiquei na casa dela e me levaram, eu pedi pra eles me levar na FUNAI e conversar assim. Foi por isso que eu falei pra eles, tem que me ajudar pelo menos arrumar um emprego pra mim, pra mim sustentar, porque eu não estava pedindo alguma coisa assim de ajuda, era um serviço que eu tava procurando pra me manter. Porque sempre a gente trabalha na roça e tudo isso. Eu acho que eu não tinha dependência de alguém me dar as coisas sempre até hoje meus pais que mora na roça a gente luta pra crescer.

**GTME:** Esta relação com a Aldeia a gente vê que você sempre manteve, mas como você vê os outros índios que estão na cidade, eles tem conseguido manter a relação com a Aldeia?

**MAYRON:** Eu falei assim. Esta que eu tenho aqui, porque eu fui criada assim. Minha vó acordava cedo ele fazia fogo. Ele falava assim: vem, vem aprender aquele. E ele ensinava nós e todas as manhãs. Então criança que aprende tudo cedo, tudo cedo a gente, essas coisas, tudo preparar... Por isso que quando eu vim para cá eu vim com o pensamento assim que eu sou indígena. Ele falava assim meu avô falava assim: vocês vão na cidade assim, mas vocês vão e vão voltar aqui, nós somos assim nós somos assim diferentes, nós não somos brancos nós somos indígenas. E isso daqui, cada um tem o seu valor, o branco tem valor e nós temos valor. Estas coisas assim. Então, eu acho que eu vim, assim, tudo preparada para, por isso eu não tenho, eu sei cantar na língua, minhas comidas Onde e até hoje meus tios, meus tios, meus parentes, assim, estas coisas de respeito, de familiaridade, meus tios, nós temos uma educação muito boa, sabe, assim. Quando o índio perde estas coisas ele não é, não sabe as coisas o valor do branco nem a Aldeia e eu acho que é por aí que as pessoas se perdem, porque esta ilusão de cidade. Meu avô que falou assim: cidade lá é ilusão, nós não somos de lá. Mas podemos ser adaptados, mas pra vocês lutar pra nós mesmos, pra nós mesmos, pra auxiliar. Eu nunca pensei que nós iríamos ter cidade tão perto, ele falava assim: mas vem muita gente pra cá por isso nós temos escolas pra nós se defender, sobre terra, sobre nosso lugar aqui vocês que vão defender a gente aqui. Nessas condições a nossa vó falava pra gente. Eu pensei que era só imaginação dele, mas ele sabia. Aí ele falou assim: então nós somos assim tudo orientado não traga as coisas negativas de lá, aprenda as coisas boas de lá. Aqui tem as coisas também não leva as coisas pra lá. É assim que a gente foi orientada, então hoje eu estou com a idade de 54 anos. Hoje eu vejo os valores daqui, de lá, eu vejo que nós temos muita riqueza em termos de nossos costumes, nossas coisas. Quando... Hoje eu tive na nossa aldeia e eu falei pra eles assim, que não estão fazendo nada de nossas coisas e falei assim: olha gente eu acho que nós temos tudo! Eu tenho falado aquilo pros professores e o chefe de posto que aparece. A gente tem que pensar na comunidade. Está acontecendo muita coisa. Vocês têm que fazer alguma coisa boa aqui. Eu falei pra eles: mas eu estou lá, mas eu fico preocupado com vocês aqui. Eu não posso estar aqui direto para estar orientando. Foi muito bom aquele, nós o que fizemos que a gente sempre faz assim... As coisas boas que a gente aprende a gente

tem que falar o que você pensa para o nosso povo. O que você faz? Cada um foi falando, foi muito rico a minha. eu saí muito contente de lá, vai contribuir para alguma coisa.

**GTME:** Como você vê os jovens que vêm vindos estudar aqui em Cuiabá ou outra cidade. Eles estão conseguindo vir bem orientados da mesma maneira como você? Em termos de valores e cultura como é com estes jovens?

**MAYRON:** Olha, alguns eu já estou vendo e fico muito preocupado com os jovens. Ele nunca termina de estudar aqui e nem nas férias ele não quer ir. Ele quer ficar aqui. Mas eu fico preocupada com estas coisas. Puxa vida onde é que está a família dele, que ele está direto aqui. Então eu vejo que estas pessoas não têm objetivo de vida, nem a orientação da família. O que é que eles vêm fazer aqui? O que? Se a gente quer aquele lá, então eu vou fazer isso, isso daí vai ser o meu ponto chave. Este daí vai me mexer. A gente consegue. E lá falava meu pai. Eu estudei, eu vejo assim que muita gente não é assim. Eu vejo que eles estão vindo pra buscar, mas não está tendo estas coisas assim, estão saindo fora. Acho que esta, a ilusão da cidade que está, eu não sei o que está acontecendo. Tem alguns que têm, que está assim, igual como eu vim, mas a gente vê a família dele também de acordo com a família, eu vejo assim, como eu falei ontem, não adianta fazer as coisas, nós indígenas nós também temos Deus também. Ele é... Em português ele é Deus. E falei pra eles assim, sabe, não adianta a gente separar dessas coisas, eu falei a gente é animada pra ficar sem orientação, eu estava falando pra eles ontem. Eu acho que estas coisas não têm nem assim algumas coisas que eles possam nortear, não conseguem, não conseguem, eles têm vergonha. Como dizia a avô: Você nunca fala você não nega que é indígena. Ou os pais dele não são fortes ou não sei o que acontece.

**GTME:** Alguns negam que são indígenas? Tem vergonha de ser indígena?

**MAYRON:** Alguns têm vergonha. Hoje em dia aqui em Cuiabá está muito. O pessoal respeita porque já foi feito muito trabalho nos bairros, a gente vê estas coisas. Mas primeiro o pessoal não falava. O meu pai falava assim, ele conhecia muita gente aqui, e que não falava que é indígena.

**GTME:** E o preconceito era maior.

**MAYRON:** É diz que era maior. Diz que era maior. Hoje vivo lá na minha rua, as pessoas sabem que somos, que eu sou indígena e sabe que trabalho lá na FUNASA. A gente faz comida indígena mesmo, quando, eles gostam, assim, eles respeitam a gente.

**GTME:** Eles vão na casa da senhora também?

**MAYRON:** Vai, também, visitam, Eu não visito muito, mas assim. Eu sou muito assim, de não entrar na casa dos outros, porque eu trabalho o dia inteiro, então eu gosto de estar lendo, estas coisas que tenho que me informar. Estas coisas!

**GTME:** A senhora faz comida indígena para os outros também, às vezes?

**MAYRON:** E às vezes faço!

**GTME:** E eles comem?

**MAYRON:** Comem!

**GTME:** E o que eles dizem?

**MAYRON:** Acha bom ! Acha bom! Então estas coisas...

**GTME:** Que tipo de comida?

**MAYRON:** Com Peixe, piranha, estas coisas que a gente faz. Biju mesmo que eu faço. É isso!

**GTME:** Mas quem são os colegas de tua filha na escola? Que iam na casa dela?

**MAYRON:** Estas meninas eu sei que são aqui mesmo de Cuiabá, as meninas que vieram do Paraná, as filhas e os pais que vieram. Eram essas meninas! Mas elas falavam assim: ah onde está aquela tua colega? Ah foi transferida para outro bairro, foram embora, mas ela sempre tinha atividades de coleguinhas.

**GTME:** Mas ela sempre se relacionou bem, não tinha problemas? A língua atrapalhou aí?

**MAYRON:** Acho que não porque até hoje as meninas ligam pra ela, pra sair, alguém está casando, vem no meu casamento, eu acho legal assim! Já levaram estas coleguinhas na Aldeia também. Então é assim!

**GTME:** Você falou que...

**MAYRON:** É assim sempre são as colegas que foram do primário, do segundo grau, desta época, ... Sempre elas não ficaram separadas, elas casaram, mas sempre ficaram ligadas

**GTME:** Formaram uma nova tribo na cidade?

**MAYRON:** É verdade!

(Falas paralelas)

**MAYRON:** Então este é o nosso relacionamento com aqui e lá também. Eu acho que nós não tivemos dificuldade porque nós tivemos, a gente sempre participamos da igreja que falei pro senhor aquele dia aqui. Meu pai sempre ficou na missão e a gente sempre, meu pai queria que a gente falasse direito, minha mãe também e então tem estas coisas. A gente já tinha contato, assim, primeiro, primeiro pra nossa escola que, foi difícil pra mim também, ir assim pra escola, era diferente, eu não sabia falar o português, aí a gente falava tudo na língua. Aí a professora nossa mostrava assim, o que é isso? Aí tinha as filhas das funcionárias e nós indígenas. Aqui, aí falava assim, mas ela falava assim: o que é isso? Aí elas falavam assim: pato, pato, e aí nós, “chope, chope”, (risada) e assim macaco, macaco, e nós “nego, nego” (risada) aí

**GTME:** E esta professora aprendeu a língua de vocês?

**MAYRON:** Ela era a professora da escola. Eu acho que anotou... Aí a minha tia falou assim, Aqui é pra aprender português e não pra falar na língua (risada) Ela falava assim!

(comentários não compreensíveis)

**MAYRON:** Na minha época não era assim, então a gente não sabia, tinha que aprender na escola falar português, da minha geração (risada) foi difícil!

**GTME:** Eles acabam aprendendo também um pouco da língua?

**MAYRON:** Português?

**GTME:** Não quem falava português acabava aprendendo um pouco da língua indígena de vocês!

**MAYRON:** Ah! Aprendia! Aprendia! Aprendia falar! (comentários incompreensíveis) A gente ficava confusa, ficava sim, era outro mundo pra nós, então tudo era diferente! Tudo era diferente. Naquele posto indígena mesmo, eles mostravam uma coisa pra nós e a gente não veio assim sem saber nada. A gente sabia que aquele lá era das funcionárias não era nosso! Isso que a gente tinha!

(comentários incompreensíveis) Não, eu como mulher não, agora tinha os meninos, os meninos que saíram na minha época que foram trabalhar como agente de saúde,... Muita gente da minha época não retornaram.

**GTME:** Os homens saíam da Aldeia e não retornavam mais, nem para passear?

**MAYRON:** É porque vieram morar pra cá e não voltaram pra lá, assim como eu faço sempre, trabalho lá, mas estão aqui até hoje também... tem muita gente. Mas não é todo mundo também, tem gente que pensa trabalhar em prol do nosso povo. Assim, eu adoro trabalhar na Casa do Índio. Assim como que queria ser professora, mas não sou professora, mas sou da saúde, a enfermagem que é o meu curso! Só segundo grau e sempre estou ajudando a minha filha, meus parentes, dentro de minha casa. Então, este curso ficou mais pra manutenção da minha família, pra encaminhar a minha família.

**GTME:** O pessoal da aldeia ajuda os que vêm para cá? Você usa o seu salário para ajudar em casa, os teus parentes?

**MAYRON:** É que tem algum que quando vêm para tratamento, eles tem cesta básica, de primeiro não, eles entregavam...

**GTME:** A convivência na aldeia em relação a seu tempo está melhor, é igual ou está mais difícil hoje?

**MAYRON:** É muito mais difícil hoje, pois tem problemas que tem que antes não tinha, tipo, água.

Na época que eu saí, eu vi que não ia mudar muita coisa, que não ia mudar, que até ia continuar o mesmo. Mas de um tempo para cá, mudou muito na nossa aldeia, muita coisa muita transformação. Na época a gente não tinha muito problema de jovens, hoje nós temos. Essa é a diferença. E tem facilidade de viver assim também e tem dificuldade

também porque não tem mais peixe, macaco, hoje é que a gente tá criando, e que as criações de gado, criações de galinha, pequenas... Então, a gente tem que ver um meio de sobrevivência

**GTME:** A cidade está mais perto agora, da aldeia.

**MAYRON:** É a cidade está mais perto da Aldeia. Então, o que tem as coisas agora, muito rápido chega as coisas, assim. Eu fico preocupada agora, muita gente, olha os jovens tudo lá. Eu estava contando que 33 motos.

**GTME:** Na Aldeia?

**MAYRON:** Na Aldeia, 33 motos têm muitos carros e estas coisas daqui, e aquelas pessoas que já tem muita ligação com as coisas com negativas. Aí eu fico preocupado com estas coisas porque tem que ter algum. O pessoal da saúde leva estas palestras de drogas, de ST-AIDS e tudo estas coisas é levado lá, estas palestras, mas as coisas andam rápido. O que temos melhoria de água, nós temos, saúde da FUNASA, e estas coisas assim. Mas, o que, como, o nosso povo... Estas coisas que é preocupação. Aí, a gente, o que a gente vai trabalhar? E nós não temos buriti hoje em dia, está escasso, pra fazer nossas casas da tradição. A gente tá pegando na fazenda, isto porque aumentou muito a população e esse nossa terra ele daqui a uns 10 anos vai ficar muito pequeno pra nós, muito pequeno!

**GTME:** Aumentou muito a população?

**MAYRON:** Aumentou, aumentou bastante a população.

**GTME:** Muitas crianças e jovens então?

**MAYRON:** Tem, tem bastante jovem e crianças. Aí como fui criada assim, sempre dormindo na roça, com estas coisas, cavalo, estas pequenas criações, eu fui criada assim, quer dizer, que todos os índios eles receberam, o nosso povo recebeu gado estas coisas, fomos todo mundo era incentivo naquela época. Meu pai fala pra que família? Assim, ah, quando fulano precisa mais assim, vai ganhar! Aí diz que teve esta época que acabava tudo isso daí. Aquelas pessoas que tiveram assim, então, a gente tem assim hoje, sempre eu penso que a gente ficou na roça, acho que é por isso que eu vim assim, quando vou para a cidade eu vou lá pra terminar meu estudo, ter meus trabalhos pra mim poder voltar aqui pra mim estar ajudando aqui. Hoje, as pessoas estão concentradas, os jovens não têm assim o que trabalhar lá dentro, estes nossos costumes que tinha não é falado assim. O que tem hoje? Assistem televisão, mais nada, jogam bola, isto que é ruim!

**GTME:** Quem anda com estas motos e pra onde vão estas motos?

**MAYRON:** Os jovens, eles que compram.

**GTME:** E eles vão pra cidade?

**MAYRON:** Vão pra cidade, andam por lá!

**GTME:** Vão pro rio também, pescar?



**MAYRON:** Vão pro rio pescar, assim.

**GTME:** E onde eles conseguem gasolina e dinheiro para comprar a moto?

**MAYRON:** Eles têm pequenas criações, de gado assim, vendem gado, assim, e aí compra. Aí estas coisas assim, os custos destas coisas, essa é a minha preocupação, agora. Olha eu falei pra cacique agora: o Senhor tem que se preocupar com o futuro dos nossos filhos dos nossos netos. É bom essa tecnologia, mas também tem que saber como sustentar isso aí, senão fica mais uma ilusão Então é isso que atualmente dá para perceber.

**GTME:** E tem jovens da cidade que vai lá também? Indígena que tem daqui?

**MAYRON:** É! Tem indígena, tem! Porque é perto.

**GTME:** Vão lá fazer o que? Jogar bola?

**MAYRON:** Jogar bola, tem sempre tem festa junina agora. Aí tem baile, estas coisas, aí dança lá, e vem embora. É assim!

**GTME:** Onde fica localizada a aldeia?

**MAYRON:** Município de Caramutinga! Mas este daí eu vi em todas as aldeias aqui no Mutina eu vi, o movimento!

**GTME:** Quando tem festa indígena, também os outros vão lá também?

**MAYRON:** Este ano não vem, mas quando têm, eles são convidados. Eles convidam pra ir lá. Isto que nós falamos: olha não está acontecendo o nosso costume, nossa tradição, nossas danças aqui. Aí o cacique falou: Realmente, está faltando, mas a gente vai. Mas eu acho que cada povo, cada lugar, tem sempre alguém na frente. Porque a gente afastou também, quando estas coisas de fortalecimento como o que a gente aprendeu, ensinamento de nossos povos assim, a gente ficou muito distante também. Aí então vamos voltar a isso aí, porque a gente estava levando as pessoas que contribuem lá, as coisas, de bom. A gente não leva qualquer pessoa que não tem nada assim de, lá na aldeia a gente sempre teve estas amizades, assim. Meus pais sempre gostavam de receber os amigos. Estou sabendo que seu Jaime ele estudou línguas lá conosco. Meu pai falou que ele ficou seis anos lá. Ele mora em... Ele vai aposentar e ele vem percorrer a Aldeia, onde ele passou. Isso daí vai encerrar a aposentadoria dele. Então estas pessoas que assim, contribuem, tem visão, assim que recebíamos em casa. Então, eu fui criada nesse meio, tanto que as coisas indígenas, meus avôs, sempre eles falavam de nossos valores e do outro lado, então estas coisas não teve dificuldades.

**GTME:** Da mesma maneira você, os mais velhos agora, procuram passar para os mais jovens, também?

**MAYRON:** Tem jovens que quer ouvir, mas tem jovem que não, também. Por isso que, eu acho que está aumentando muita coisa assim, que alguém que não tem interesse, alguém que não tem interesse! Minha mãe fala assim também: que não é todo mundo que queria

esta informação, essa educação, essa informação, pra nós é tudo passado falado, falado assim, oral. Mas teve todo um ritual de assim, de passagem, de jovem para adulto.

**GTME:** E esse está tendo

**MAYRON:** Está de furação de orelha também. Meu pai falou que ele não vai deixar filmando nunca, nem pessoas, assim, tirando fotos. Por que senão ele deixa de ser uma coisa sagrada. É isso daí. Isto daí existe ainda lá e nós temos assim tido como celebração de vitória. Meu avo e o pai dele, ele tinha... Furação de orelha. Então tudo, pessoas assim, essas pessoas dessa família assim que tem o cântico do enterro deles é outro. Tem pessoas de todo mundo, ele não sabe cantar, outras coisas que ele não participa das coisas, tem outro tipo de enterro, é assim, é a música,... Porque eu vou falar assim, tipo assim, um ritual mesmo.

**GTME:** Mas se os jovens vêm para a cidade e não passou ainda pelo rito aí ele vai para a Aldeia para passar pelo rito ou ele faz aqui na cidade mesmo? Ou sempre é na Aldeia?

**MAYRON:** Isso daí é sempre na Aldeia. Assim, a furação de orelha, sim, ele tem que fazer na Aldeia, porque só lá é que tem esse ritual.

**GTME:** Mas isso tem haver com a terra, ou com a mata?

**MAYRON:** Tem...

**GTME:** (pergunta incompreensível)

**MAYRON:** Ele está sendo preparado pra adolescência, ele sabe história, é contado história pra ele: quem somos nós, o que é que você vai ser o que é que você tem respeito pela família, trabalho, tem tudo estas coisas.

**GTME:** Mas já tem acontecido que alguma família tem feito esse rito fora da Aldeia?

**MAYRON:** Ah, já porque eles interessam hoje em dia!

**GTME:** Mas se uma família vem para Cuiabá, por exemplo, e trazem uma criança junto e quando ela for adolescente e passar para jovem, eles faz o rito aqui ou só lá na Aldeia?

**MAYRON:** Só lá na Aldeia, mesmo, se ele quiser.

**GTME:** Ah, se ele não quiser, ele não precisa?

**MAYRON:** Tem meus primos que morava sempre em Brasília toda a vida dele. Ele queria assim, depois de um tanto, ele falou assim: Olha vai ser assim para adolescente. Ele ouve lá, como que é, falado pra ele. Ele aceitou. Depois de grande ele fez, aí ele ficou lá!

**GTME:** Mas lá na Aldeia?

**MAYRON:** É, ficou deitado lá, não podia receber ninguém, tudo como tem que ser!

**GTME:** Mas isso tinha haver com a terra lá também ou não?

**MAYRON:** Isso daí não, isso tudo tem as coisas com a terra. Cada qual tem coisas de terra.

**GTME:** Como tu vê um pouco estes outros povos aqui no Mato Grosso, tem alguns povos que está numa situação que se preocupa mais por esta relação com a cidade, está sendo muito problema nesta relação?

**MAYRON:** É muito problema!

**GTME:** É isso eu não sei se de vida, de televisão que entra, de cultura que de repente está se perdendo?

**MAYRON:** A gente vendo assim, que na região de... As pessoas ficam falando assim: que nosso pessoal Xavante está começando a beber, começando, estas coisas estão acontecendo e eu fico preocupa. Faz tempo que eles falam assim: nós somos povo autêntico. Mas as coisas também estão entrando muito rápido, muito rápido. Eu acho que eles têm que assim, vê desse lado também, desse lado, que eles têm já anciões.

**GTME:** E o que os anciões fazem?

**MAYRON:** Pois é, eles, o que é que eles estão, ou eles não estão sendo respeitados, e estas coisas

**GTME:** Tem os jovens que não escutam mais os anciões?

**MAYRON:** Tem, tem. Então, porque se os pais vão ficar fortes dentro da casa, mesmo como eu tenho idade a minha mãe fala o que ela quer, quando está errado ela fala para mim, fala para os meus irmãos todos. Ele falou assim, você vai estudar mesmo ou você não vai concluir, venha para cá. Meus pais nunca deixaram a gente ficar lá, o sonho deles é tudo os filhos lá perto. Ele fala: eu não mandei vocês lá, vocês é que vão à procura da cidade. É assim! Eu não sei se contribuí.

**GTME:** Oh, muito!

**MAYRON:** Querem saber alguma coisa assim?

**GTME:** Seu nome: Nome da Aldeia?

**MAYRON:** Bom em 2004 a gente oficializou o nome da nossa Aldeia, Aldeia da minha família. Assim, Aldeia “Kuiaguari”. E nós estamos assim, fizemos a primeira casa agora, a primeira casa do meu pai. Meu nome é Dorothy Mayron Taukane, nome de meu pai, quando a FUNAI passou eles falaram que tinha que registrar todo mundo, então meu nome ficou assim, aqui da cidade, assim Dorothy e lá na Aldeia Mayron e Taukane nome do meu pai.

**GTME:** O que significa Mayron?

**MAYRON:** Mayron é nosso nome de passado, de avó, é o nome de minha avó. Avó de minha mãe, do meu pai que era Mayron. Assim que eles falam. De passado, de família, assim.

**GTME:** E você trabalha na FUNASA?

**MAYRON:** Trabalho na FUNASA.

**GTME:** E qual é a atividade que desenvolve lá?

**MAYRON:** Eu sou auxiliar de enfermagem, que eu falei e ultimamente eu sou gerente da casa em Cuiabá, do Estado do Mato Grosso.

**GTME:** Acho que é isso! Acabou!